

O SABER DE TESEU N´ AS SUPLICANTES DE EURÍPIDES

FILOMENA YOSHIE HIRATA
Universidad de São Paulo

RESUMEN

Teseo aparece en tres tragedias como el importante rey de Atenas, que viene a socorrer, figura bien consolidada míticamente desde el siglo VI A.C. En *Heracles* de Eurípides y en *Edipo en Colono* de Sófocles, él aparece en la escena para socorrer dos grandes héroes, Heracles y Edipo, y en las condiciones penosas en las cuales estos encuentros ocurren, sobresale una profunda identificación entre los dos héroes - Teseo y Heracles, en una tragedia, y Teseo y Edipo en la otra - identificación en la grandeza humana y en el sufrimiento. Sin embargo este trabajo trata de la tercera tragedia, *Las Suplicantes* de Eurípides, en la cual Teseo es llamado a socorrer a Adrasto. Pero aquí nada aproxima a los dos, no hay ninguna afinidad. Adrasto es representado como una persona común, desprovisto de su honra del pasado y que sucumbe a la desgracia, puesto que ésta es atribuida a su insensatez.

ABSTRACT

Theseus appears in three tragedies as the important king of Athens, who comes to help, a mythically well established figure since the sixth century B.C. In Euripides' *Heracles* and in Sophocles' *Oedipus at Colonus*, he appears on the stage to help two great heroes, Heracles and Oedipus, and in the painful condition in which these encounters occur, there is a deep identification between both heroes - Theseus and Heracles, in one tragedy, and Theseus and Oedipus, in the other - identification in human greatness and suffering. However, this paper deals with the third tragedy, Euripides' *Suppliants*, in which Theseus is called to help Adrastus. But, here, nothing brings the two together, there is no affinity between them. Adrastus is represented as an ordinary man, deprived of his past honour and defeated by misfortune because this is ascribed to his foolishness.

PALABRAS CLAVE: Teseo, Heracles, Edipo, Adrasto, *Siete contra Tebas*, Atenas.

KEY WORDS: Theseus, Heracles, Oedipus, Adrastus, *Seven against Thebes*, Athenas.

Penso que, na tragédia grega, as personagens secundárias, justamente por serem secundárias, por não estarem no centro do conflito, têm condição de, de forma mais verossímil, representar o pensamento do homem comum.¹ Como a tragédia trata de grandes linhagens, como os poetas escolhem enredos que põem em cena personagens que se sobressaem, que são figuras incomuns, que vão além dos limites da *sophrosýne* e caem na singularidade da *hýbris*, penso que certas ponderações, certas atuações de personagens vizinhas a essas, podem representar melhor as reflexões do homem comum, do espectador, que no momento da ação, diante da grandeza do herói trágico, de certa forma é também um espectador privilegiado.

Sem dúvida, há personagens secundárias e secundárias... Não penso por enquanto nos anônimos: servas, amas, mensageiros, arautos, estrangeiros, guardas... Não que não sejam importantes. Veja-se, por exemplo, a ama de Fedra! Na verdade, penso nos que secundam, nos secundários que colaboram com o desenvolvimento da ação dramática, que de alguma forma trabalham para encaminhá-la a um fim, pondo certo esforço nisso, certa participação social. Não se trata, portanto de deuses *ex machina* que, por serem deuses, podem facilmente desatar os nós, solucionando os impasses; ao contrário, essas personagens cumprem um papel que exige compromisso político, ético, quando não certo poder de persuasão.

Das várias personagens secundárias que ocupam a cena trágica, detive-me em Teseu, porque aparece em várias peças e, em três, desempenha um papel semelhante, de caráter altamente humanitário, como o rei de Atenas, que vem socorrer. As três tragédias são: *Héacles louco* e *As Suplicantes* de Eurípides e *Édipo em Colono* de Sófocles. Já se trata, portanto, da figura de Teseu, sedimentada pela tradição a partir do século VI, após os Pisistratidas sobretudo, como o exemplar rei de Atenas, dessa cidade também exemplar

¹ Este trabalho foi apresentado na XII Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, em Ouro Preto, aos 10/08/2001. Faz parte de uma pesquisa mais ampla, intitulada "O saber de Teseu na tragédia grega". A primeira parte da pesquisa, "O saber de Teseu em *Héacles louco* e em *Édipo em Colono*" foi apresentada na XI Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, em Araraquara em 1999. A terceira parte tratará de Teseu no *Hipólito*.

que é Atenas democrática no século V.² Ao contrário do que se poderia pensar, essa condição real não leva a nenhuma acomodação, ou mesmo a uma observação à distância dos acontecimentos; os poetas trágicos fazem questão de conservar o lado heróico e aventureiro de Teseu que, em cena, dá mostras de coragem e de bravura, aparecendo em armas e acompanhado de sua tropa, pronto para combater.³ Assim, n' *As Suplicantes*, as qualidades guerreiras e políticas de Teseu são relevantes, porque se trata de guerra, de uma obra de oportunidade, representada após a derrota de Atenas em Délion, na fronteira da Beócia, em 424 a.C. Quanto a *Héracles louco*, embora coloque face a face dois grandes heróis, não trata de lutas, nem de guerras, mas de solidariedade e grandeza humanas em permanente confronto com a autoridade divina. Já *Édipo em Colono* é uma peça de fim de século; num tom lúgubre, ela prenuncia vários fins: a morte de Édipo, a morte de Sófocles e a morte de Atenas, que se sobressaem às alusões à guerra. Na morte, heroicizado e imortalizado, Édipo faz o caminho inverso ao de Édipo rei: é sua ascensão.⁴ Mas, como a disputa de Etéocles e Polinices por Tebas também faz parte do enredo, Teseu de Sófocles não é menos heróico que o d' *As Suplicantes*, porque precisa salvar Édipo e suas filhas dos tebanos. São três tragédias diferentes, de autores diferentes, representadas em contextos diferentes. No entanto, o que me chama a atenção e pretendo desenvolver aqui, é que nelas persiste um elemento, digamos, de caráter psicológico, ou seja, uma espécie de identificação entre a personagem que vem socorrer e aquela que é socorrida, condição fundamental, para que depois tudo se encaminhe para um bom final. Nas três ocasiões, Teseu, contemplando diretamente o sofrimento do herói trágico, é o espectador privilegiado.

Em *Héracles louco*, Teseu entra em cena apenas no êxodo. Chega com uma tropa, em armas, pois ficara sabendo que Lico tomara o poder em Tebas e, tornando-se tirano, ameaçava matar a família de Héracles. Ao chegar, diz ele:

“Venho trazer a lança aliada” (v.1165)⁵

² Sobre essa questão, remeto ao artigo de Walker, H.J. (1995) “The Early Development of the Theseus Myth”, *Rheinisches Museum*, 138: 1-33.

³ Cf. Plutarque, *Vie de Thésée*.

⁴ Ver Knox, (1964:143-162).

⁵ Para as três tragédias o texto grego mencionado é o da Société d'Édition Les Belles Lettres.

No entanto, chega tarde. No momento, Hércules chora de dor e cobre o rosto de vergonha. Acaba de acordar de profundo sono e tenta compreender, olhando ao redor, que numa enorme crise de delírio matou a mulher e os três filhos. Fizera exatamente o que o usurpador do trono, Lico, pretendia fazer antes de ser morto por ele. Percebendo que a desgraça é outra, Teseu muda seu discurso:

“Venho para gemer junto” (v.1202)

Uma simples troca de palavras, *dóry sýmmakhon* por *hos synalgôn*, revela a perspicácia de Teseu e seu espírito aberto e propício para auxiliar qualquer que seja a dificuldade. Teseu chega exatamente no momento em que Hércules, recobrando a consciência, percebe o que acabara de realizar e, diante da monstruosidade de seu ato e da vergonha de ter sofrido uma grande crise de delírio, resolve suicidar-se, pois não vê outra solução para a desonra que a morte. Consequentemente, a tarefa de Teseu consiste em salvar Hércules da morte.

Em *Édipo em Colono*, Teseu chega por solicitação de Édipo que, por meio de um oráculo, sabia que, no momento da morte, deveria dirigir-se ao bosque das deusas Eumênidas na Ática. Chama por Teseu, pois este deverá ser instruído sobre sua morte, além de beneficiado com o dom de seu corpo. Como Sófocles faz coincidir no drama esse momento da morte de Édipo com o combate dos filhos pelo trono de Tebas, cabe a Teseu não apenas acolher Édipo, velho, cego e exilado, mas também protegê-lo das ameaças dos filhos e de Creonte, que querem levá-lo à força a Tebas. Nas duas tragédias mencionadas, percebe-se que há uma perfeita sintonia, uma identificação de sentimentos que torna, antes de obrigatória, afetiva a aproximação das duas personagens: Teseu e Hércules e Teseu e Édipo. Entre um e outro aflora certa cumplicidade desde o princípio, que está acima das exigências da *philia* ou da *súplica*.

De fato, Teseu e Hércules são dois grandes heróis da mitologia grega que rivalizam quanto à quantidade de façanhas heróicas. São também conhecidos: no passado, Hércules salvara Teseu trazendo-o do Hades. Certamente Teseu devia sentir-se devedor, mas o que os identifica no momento é a forma pela qual ambos se reconhecem no sofrimento do outro: assim como hoje Hércules se sente o mais infeliz dos homens, assim também se sentira Teseu no Hades.

É um sentimento desse tipo que transborda no encontro entre Teseu e Édipo. Não há como Teseu deixar de sentir-se penalizado diante desse velho, cego e

maltratado Édipo, cuja história desgraçada e incomum era conhecida por muitos. Mas Teseu também sofrera e penara no exílio antes de chegar a Atenas, revelar sua verdadeira identidade, conquistar o trono e tornar-se quem ele é.

No entanto, n' *As Suplicantes* de Eurípides, tudo se passa de forma totalmente diferente. Para começar, o título da tragédia põe em destaque o coro, representado pelas mães dos guerreiros mortos na célebre expedição intitulada Sete contra Tebas. Adrasto, rei de Argos, que antes organizara o frustrado combate, é agora quem chefia essas mães, as seguidoras dela e os filhos dos heróis mortos, enfim, a comitiva argiva que está em Elêusis. O objetivo é conseguir, por intermédio de Etra, que Teseu os auxilie a recuperar os corpos dos mortos que os tebanos insistem em deixar insepultos. Assim, de início, as mães tentam persuadir outra mãe e ainda que tentem timidamente alegar que têm direito (*ékhomen éndika*, v.65), elas apelam à piedade de modo desesperado. E tocam o coração de Etra.

Teseu entra inesperadamente. Apenas procura a mãe e surpreso com a cena que vê, a mãe cercada pelas suplicantes, acaba sendo posto face a face com Adrasto, que enfim é quem deverá fazer a súplica em nome das mães. Como se estivesse fazendo uma investigação policial, Teseu submete Adrasto a um minucioso inquérito que, aparentemente, vai além das causas da guerra. Pergunta vai e resposta vem, um abismo vai se fazendo entre os dois, pois Adrasto causa crescente irritação em Teseu. Justamente ao contrário do que pretendia, Adrasto não consegue despertar nenhuma compaixão em Teseu, seja por seu sofrimento pessoal, seja pelo peso que carrega por assumir a responsabilidade pelo desastre que foi o ataque a Tebas. Na avaliação de Teseu, tudo foi fruto de falta de reflexão, insensatez e mesmo certa impiedade de Adrasto. Nessa investigação da verdade, Teseu critica Adrasto, por confiar facilmente nos oráculos e rapidamente ser persuadido por eles, como se os deuses existissem (*hos dzónton theôn*, v.221), quando de fato deveria refletir melhor sobre o que eles anunciam. Mas também Adrasto, quando convém, é capaz de rejeitar a palavra oracular. Na verdade são duas atitudes que, opondo-se, indicam a descrença na mântica e corroboram com a desgraça, pois a primeira mensagem acatada acarreta o casamento de duas filhas de Adrasto com dois estrangeiros, não argivos, nem *phíloi*, ou seja, Tideu e Polinices, e a outra, de Anfiarau, ignorada, leva à guerra. Teseu qualifica a atitude de Adrasto como impetuosa e imprudente (*eupsykhía* e não *euboulía*, v.161), caso contrário o que justificaria que um pai entregasse as filhas a dois exilados malditos, identificados como javali e leão

(v.140), senão a compreensão do oráculo segundo seu próprio desejo? Na verdade Teseu exige de Adrasto uma reflexão mais objetiva dos fatos, uma atitude mais eficaz, considerando que ele também é um líder, um chefe, mais condizentes com a de um *homo politicus* do século V, como muitas vezes a tragédia se encarregou de modelar.⁶

Duramente criticado, Adrasto não recua. Servindo-se dos recursos de suplicante, agacha-se no chão e segura os joelhos de Teseu, humilhando-se pelas mãos, e faz o discurso da compaixão. Tenta mesmo uma argumentação política: por que procurar Atenas e não Esparta? Por que procurar Teseu? Mas nada consegue. Na verdade, nem Adrasto, nem as mãos suplicantes conseguem com seu dilema colocar Teseu sob o peso de uma *anánke*, como acontece com Pelasgo que, n' *As Suplicantes* de Ésquilo, é colocado pelas Danaides em situação aporética.⁷ O discurso de Adrasto não faz jus à fama que a tradição lhe atribuiu no decorrer dos tempos. Ele escorrega nos apelos melodramáticos, expondo sua situação de excessiva desgraça; aliás ele pensa demais na sua própria condição, esquecendo-se de enfatizar a impiedade dos tebanos em deixar os mortos insepultos e privados das honras fúnebres, o que constitui um crime religioso grave e, sem dúvida, poderia ser seu melhor argumento.

Fazendo prevalecer o resultado de seu inquérito particular, Teseu não se deixa persuadir, mas também não quer ser acusado de impiedade por rejeitar as suplicantes.⁸ E argumenta mostrando sua maneira de ver o mundo: saber discernir entre o bem e o mal, é o que se pede a um chefe. Os bens que a divindade atribui ao homem, são mais abundantes que os males e devem ser bem usufruídos, com bom senso, *sýnesis* (v.203); ocorre que a arrogância, a violência fazem-no desviar-se da rota, quando ele pretende ser mais sábio que os deuses. Segundo Teseu, este é o caso de Adrasto e, inconformado, retoma o argumento já citado sobre a má interpretação dos oráculos (vv.219 e seg). Parece particularmente perturbado com a decisão apressada de Adrasto de dar as filhas em casamento a estrangeiros desconhecidos, misturando o justo com o injusto, quando devia privilegiar os seus, mantendo a integridade familiar. Alianças são feitas com os pares (v.225). Depois, atribui a rejeição ao oráculo de Anfiarau, que previa a derrota, à má influência dois jovens

⁶ Nos termos em que Vernant trata de Etéocles d' *Os Sete contra Tebas* de Ésquilo, em *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*, (1988:19-40).

⁷ Sobre a aproximação entre *As Suplicantes* de Ésquilo e de Eurípides, ver Aélión (1983:231-243), t.2.

⁸ Sobre a súplica e seu desdobramento, ver Aélión, (1983:231-243), t. 2.

genros, cheios de ardor guerreiro e ambição. Enfim, apresentando suas razões políticas, morais e religiosas, Teseu deixa claros os motivos pelos quais não deve tornar-se aliado de Adrasto (*sýmmakhos*, v.246).⁹ Já está pronto para partir, quando é retido pela mãe. Começa, então, o desdobramento da súplica.

Não há identificação de sentimento, assim como não há possibilidade de acordo entre Teseu e Adrasto, mas há afinidade entre Etra e as suplicantes: as mães se entendem. Tanto Adrasto, quanto as mães não têm o que opor aos argumentos de Teseu, tanto são claros. Todavia enquanto este analisa os erros do passado de Adrasto, Etra se detém no presente. Retoma as palavras do filho, observando que hoje são os tebanos que desrespeitam a ordem natural e harmoniosa do mundo, cometendo o crime de privar os mortos dos ritos fúnebres. E as vítimas são as mães e os filhos adolescentes dos mortos e por eles Etra implora a Teseu. Sem mencionar Adrasto, ela se torna porta-voz das mães. Seu discurso muda o tom da peça. Cessam as lamentações, pois o tom de Etra é categórico e firme e a argumentação tem conteúdo político. Poder-se-ia dizer que a mãe conhece o filho a quem fala. As razões que alega são sedutoras, porque tocam fundo no político. Socorrer as mães, constitui um ato elevado de humanidade, de piedade, mas também um alto crédito na reputação. Toda Grécia saberá e isso só trará renome a ele, por impedir a transgressão de leis comuns a todos os gregos. Dessa forma, Etra acaba dando ao filho as razões lógicas necessárias para justificar a aliança.

Esse desdobramento da súplica tem sua originalidade, pois cria certa tensão dramática, após o fracasso da primeira tentativa. Mas, ao contrário do que ocorre n' *As Suplicantes* de Ésquilo, deixa evidente que nem sempre os suplicantes são atendidos. As Danaides acreditam firmemente que, por serem suplicantes, elas devem ser protegidas por Pelasgo, em nome de Zeus Hikésios, e isso pesa na decisão de Pelasgo. Nesta peça, verifica-se que não basta cair na desgraça e suplicar para ser protegido e poupado. De fato, Teseu pondera sobre tudo que Adrasto fez e reage como se os erros cometidos de forma tão insensata o liberassem de qualquer envolvimento. Enfim, não se compra uma guerra pela tolice dos outros. Pelo julgamento que Teseu faz da ação de Adrasto e conseqüente recusa do auxílio, entendemos por que, no primeiro contato dos

⁹ Remeto à leitura de P. Burian (1985: 129-155) que enfatiza "the politics of the play ... the politics encoded in the structure of its discourse".

dois, o interrogatório de Teseu teve caráter de investigação. A súplica aqui perde o sentido totalmente religioso e assume um caráter racional. O suplicante é julgado antes de ser atendido. Novidade de Eurípides? Não sei. Mas sem dúvida uma evolução nas idéias religiosas.

A súplica e seu desdobramento tomam os primeiros 365 versos da tragédia. É muito, mas não tem relação com eventual dificuldade de decisão. Diferente de Pelasgo de Ésquilo, que sente o peso da coerção e por isso demora para decidir, Teseu não se encontra numa situação aporética, enfim, não é uma personagem trágica colocada na encruzilhada do destino, como diria J.P. Vernant,¹⁰ pois sua avaliação final de Adrasto é bastante negativa: este é destituído de todas as qualidades e nem mesmo a habilidade retórica lhe é devidamente reconhecida; para tanto basta evocar seu discurso de súplica a Teseu e a oração fúnebre.

À medida que Teseu cede aos apelos da mãe e decide recuperar os corpos dos heróis mortos, passa a dominar a ação e também a ocupar o espaço cênico. Representando o ideal político ateniense, torna-se a personagem mais atuante do drama, mas sem ser a personagem trágica, pois não sofre a experiência trágica. O que temos, nos episódios seguintes, é uma caracterização do soberano perfeito de uma cidade democrática e de liderança política. Resumindo algumas ações práticas que Eurípides expõe ao espectador, é possível acompanhar os caminhos de Teseu. Antes de declarar guerra aos tebanos, consulta a assembléia popular que, seguindo seu rei, declara-se a favor. No confronto com o arauto tebano, revelando domínio da retórica superior ao de Adrasto, Teseu tem espaço para mostrar as vantagens do regime democrático, criticando o oligárquico, onde não existe a figura do governante absoluto ou do tirano que decide tudo por todos. Declarada a guerra contra Tebas, pois não se chega um acordo, Teseu chefia sua tropa e luta como qualquer outro soldado, mostrando coragem nas ações guerreiras. Na preparação dos rituais fúnebres, mostra profunda solidariedade, ajudando na lavagem dos cadáveres em estado de putrefação e, no enterramento, concede a Adrasto pronunciar a oração fúnebre.

Mas como ninguém é perfeito, Teseu também resvala de vez em quando, o que na verdade não compromete sua grandeza, mas deixa espaço para discussões. Por exemplo, Teseu sucumbe a interesses um tanto quanto mesquinhos, como fama e glória, lembrados por Etra, na persuasão. Mostra também certa arrogância

¹⁰ Quanto à situação do herói trágico posto "na encruzilhada do destino" cf. Vernant, (1988:19-40).

em relação a Adrasto, pondo em relevo sempre sua própria inteligência, muito bem integrada no novo mundo intelectual ateniense, como se pode exemplificar com a crítica direta a Adrasto em relação à crença nos oráculos vinculada à crença na existência dos deuses. Mas, incontestavelmente, o melhor exemplo de imperfeição está no êxodo. Uma idéia persistente de Teseu (como também do arauto tebano e das mães), ao longo da peça, diz respeito à paz. Entretanto, enquanto as mães choram e se desesperam diante das urnas de seus filhos, conclamando ao fim do sofrimento, o coro de adolescentes, filhos dos heróis mortos, canta um canto contrário, prometendo vingança. As mães nada dizem aos filhos e eles não ouvem as mães. Eles também não sabem que Teseu não quis saquear Tebas, para deixar o caminho aberto para a paz. Nesse impasse entre duas gerações ou duas mentalidades que se opõem, Teseu nada diz aos adolescentes no sentido de preservarem a paz, deixando escapar essa oportunidade.

No final, Atena, a deusa, aparece *ex machina* e literalmente dita os termos do acordo de paz entre Argos e Atenas, mas também fala a favor da guerra, instigando à vingança os adolescentes. Com autoridade de deusa, passa por cima da autoridade política de Teseu, destruindo todo trabalho desenvolvido por ele ao longo da peça. E Teseu subitamente muda o que vinha sustentando e promete seguir as ordens de Atena. Do ponto de vista literário, pensando na figura de Teseu como central na peça e marcada pela grandeza política, essa súbita submissão às ordens da deusa torna o final muito amargo.¹¹

No entanto, se pensarmos que se trata de uma peça reconhecida como patriótica, representada para levantar o ânimo dos atenienses depois da derrota de Délion em 424 a.C., o que explica os elogios a Atenas e a Teseu, e datada de 423, no oitavo ano de uma guerra que duraria quase trinta, a do Peloponeso, é difícil dizer que algum ateniense tivesse certeza de que era momento de pensar na paz. O patriotismo de Eurípides no drama poderia muito bem ser interpretado como um estímulo à guerra, como alguns helenistas defendem.¹² Mas a expedição dos Epígonos pertence à História: apoiando os adolescentes e corrigindo Teseu, Atena conta a verdade.¹³

¹¹ Como bem observa Kitto, em *A Tragédia Grega*, (1990:68-80).

¹² Não foi meu objetivo enveredar pelos caminhos da História, ou seja, pôr em relevo a importância da guerra do Peloponeso na peça, pois vários autores já o fizeram e com muito mais pertinência do que eu poderia fazer.

¹³ Cf. Burian, (1985: 129-155).

Bibliografia

Textos

- Collard, C. (1975) *Euripides "Supplices"*, 2 vol., Groningen.
Diggle, J. (1994) *Euripidis Fabulae*, Oxford.
Parmentier, L et Grégoire, H. (1965) *Euripide: Héraclès – Les Suppliantes – Ion*.
Flacelière, R., Chambry, E. et Juneaux, M. (1957) *Plutarque, Vies*, t. I.

Livros

- Aéliion, R. (1993) *Euripide héritier d'Eschyle*, 2 vol., Paris.
Calame, C. (1990) *Thésée et l' Imaginaire Athénien*, Payot Lausanne.
Goossens, R. (1962) *Euripide et Athènes*, Bruxelles.
Grube, G.M.A. (1941) *The drama of Euripides*, London, Methuen,
Kitto, H.D.F. (1972) *A Tragédia Grega*, 2 vol., Coimbra.
Knox, B.M.W. (1966) *The Heroic Temper*, Berkeley and Los Angeles.
Loroux, N. (1990) *Les mères en deuil*, Paris.
(1981) *L'invention d'Athènes*, Paris, La Haye.
Mills, S. (1997) *Theseus, Tragedy and the Athenian Empire*, Oxford: Clarendon Press.
Rehm, R. (1994) *Marriage to Death*, Princeton.
(1992) *Greek Tragic Theatre*, London and New York.
Vernant, J.P et Vidal Naquet, P. (1972) *Mythe et Tragédie en Grèce Ancienne*, Paris.
Zuntz, G. (1955) *The political plays of Euripides*, Manchester.

Artigos

- Jouan, F. (1997) "Les rites funéraires dans *Les Suppliantes* d'Euripide", *Kernos*, 10:215-232, Liège.
Walker, H.J. (1995) "The Early Development of the Theseus Myth", *Reinisches Museum*, 138:1-33.

Parte de livro

- Burian, P. (1985) "*Logos and Pathos: The Politics of the Suppliant Women*", *Directions in Euripidean Criticism*, 129-155, Durham.